

REFLEXÕES ACERCA DAS ‘CONSTRUÇÕES’ EM ANÁLISE¹

SIMONE LINDENMEYER PRATES²

O presente trabalho se destina a aprofundar meu conhecimento acerca do conceito de “*Construção*” em psicanálise. Esta ferramenta analítica foi descrita por Freud tardiamente em seu texto *Construções em Análise*, de 1937, vindo a ser uma das suas últimas produções.

Entendendo o conceito de Construção como um importante componente da técnica psicanalítica e do processo analítico, precisamos, entretanto, evidenciar em que momento se caracteriza como modalidade de interpretação, na medida em que é produtor de significações, e quando este assume contornos e se operacionaliza de forma diferenciada na situação analítica. Desta forma, me proponho a realizar uma breve exposição das reflexões freudianas sobre o tema, apresentar algumas contribuições de Etchegoyen dentro dos estudos sobre teoria da técnica, além de refletir sobre o contexto paradigmático no qual a psicanálise se encontrava na ocasião de emergência deste conceito.

Construções: definindo...

As ‘construções’ tem um importante papel junto ao processo analítico. Assim como a interpretação, são fundamentais na compreensão das motivações inconscientes, na apropriação e ressignificação da história de vida ou de um breve fato na vida do sujeito. Tem como diferencial e ponto de partida a exploração de determinados dados, lembranças vagas e demais elementos obscurecidos observados no discurso do paciente.

No início do artigo sobre as construções, ao discorrer sobre qual seria o trabalho da análise, Freud (1937) faz um apanhado das pesquisas e descobertas psicanalíticas. Assim procedendo, reitera o processo analítico como um progressivo abandono das repressões em direção à aquisição de reações psíquicas mais maduras. Este percurso se daria através do ato de recordar certas experiências afetivas e os impulsos esquecidos por ela suscitados. A rememoração seria o principal agente da compreensão do que se passou e da dissolução dos sintomas e inibições que se erigiram, justamente, neste contexto que facilitou a supressão e a substituição dos afetos. Para realizar este trabalho, o analista disporá de várias ferramentas, dentre as quais, as interpretações e as construções, foco aqui priorizado.

Se nas descrições da técnica analítica se fala tão pouco sobre ‘construções’, isso se deve ao fato de que, em troca, se fala nas ‘interpretações’ e em seus efeitos. (...) ‘Interpretação’ aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal

¹ Trabalho apresentado em Jornada Interna do Círculo Psicanalítico do RS em 27 de agosto de 2011.

² Psicóloga. Integrante do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS. Candidata a Psicanalista.

como uma associação ou uma parapraxia. Trata-se de uma ‘construção’, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu (Freud, 1937, p. 279).

As ‘construções’ operam quando se constata que o analisando tem como esquecido uma época de sua vida ou até mesmo um fato isolado desta, entendendo ambos os momentos como relevantes para a fruição da análise. Assim, o analista se empenhará no sentido de incitar o analisando numa recuperação de tais memórias, completar o que foi esquecido e elaborar uma significação para as mesmas.

Para ilustrar esta forma de intervir, Freud usará a metáfora do analista como arqueólogo:

Assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permanecem de pé (...) assim também o analista procede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise. Ambos possuem direito indiscutido a reconstruir por meio da suplementação e da combinação dos restos que sobreviveram. Ambos, ademais, estão sujeitos a muitas das mesmas dificuldades e fontes de erro (Freud, 1937, p. 277).

Tomando esta última frase como um alerta que Freud nos faz, me coloco a pensar nos cuidados necessários e nos riscos inerentes à tessitura de uma construção. Acredito que toda construção, reconstrução e ressignificação, arrastam consigo um viés, um olhar, uma perspectiva do interlocutor que (re)elabora, (re)constrói, (re)constitui. Isto demanda do analista uma postura cautelosa que inclui a observação constante da forma como se implica neste trabalho, pois acredito que qualquer descuido desta ordem oportuniza para que a construção seja atravessada ou até transformada em sugestão.

E, justamente, para advertir o analista de uma possível incursão em erro é que Freud (1937) se coloca a pensar em pistas que confirmariam ou refutariam a construção realizada. Isto seria possível através da observação das reações dos pacientes às mesmas. Quando, por exemplo, o paciente se mostra intocável ao que lhe foi apresentado, somando-se a isto nenhum desenvolvimento de associações decorrentes do material enunciado pelo analista, há que se considerar o insucesso de tal feito. Tampouco se pode tomar como base uma confirmação ou recusa declaradas manifestadas pelo paciente, pois ambas podem representar resistências naturais do processo analítico. Freud aponta que até um “sim” declarado a uma construção, só pode ser legitimado se, após ou mais adiante, a construção em questão evoluir para outras associações e lembranças. Da mesma forma, “*confirmações indiretas oriundas de associações que se ajustam ao conteúdo de uma construção (...) proporcionam base valiosa para julgar se a construção tem probabilidade de ser confirmada no decorrer da análise*”. (Freud, 1937, p. 282). E mesmo considerando as reações do paciente como um analisador

importante, Freud falará que *“raramente elas deixarão de ser ambíguas, e não dão oportunidade para um julgamento final. Só o curso ulterior da análise nos capacita a decidir se nossas construções são corretas ou inúteis”* (p. 283). Mesmo discorrendo sobre todas estas possibilidades de se validar uma construção, Freud acaba por concluir estas reflexões afirmando que, em se tratando de construções, nenhum erro grave ocorre quando as realizamos de forma incorreta.

Construções e Interpretações: aproximações e diferenças

Segundo Etchegoyen, é inegável a proeminência da interpretação em relação à construção, embora haja autores que a relevem a um plano de maior importância. Para ele *“são dois instrumentos distintos, mas da mesma entidade, da mesma classe (...), ambas são destinadas a dar ao paciente uma informação sobre si mesmo, que é pertinente, que lhe pertence inteiramente e da qual não tem consciência”* (1987, p. 204).

Grande parte do texto deste autor se destina a falar sobre a dificuldade de estabelecer entre ambas uma diferença que seja satisfatória. Sobre a forma, diz que a construção opera de maneira a agregar vários elementos para formar um ‘todo’, ao passo que a interpretação seria mais pormenorizada, sintética e contundente. Há quem as diferencie através do momento sob o qual incidem, atribuindo à construção um caráter histórico, de passado e, em contrapartida, à interpretação, o presente imediato. Noutro ponto enuncia que a interpretação estaria atrelada ao desejo, enquanto que a construção, novamente, à história.

São lembradas ainda, as contribuições de outros autores, tais como Löwenstein e Blum, bem como as diferentes formas de nomear o conceito em questão (construção para diante, reconstrução, interpretação histórica, interpretação genética), mas sempre finalizando com uma reflexão que aponta para a dificuldade da empreitada e para o quanto, cada uma destas tentativas, são questionáveis sob um determinado ponto ou outro. Talvez a diferença mais contundente e aceitável entre as duas esteja, justamente, atravessada pela questão da temporalidade, pois *“se algo distingue a interpretação da construção é que esta tenta recuperar um acontecimento do passado. A construção busca o passado; a interpretação encontra-o”*. (Etchegoyen, 1987, p. 207)

Quando afirma que *“as diferenças técnicas (e teóricas) são melhor compreendidas se se discute a forma como cada analista utiliza o passado e o presente em seu trabalho clínico”* (Etchegoyen, 1987, p. 205) encontro elementos para pensar sobre o quanto a pesquisa minuciosa destes conceitos, oportuniza outras discussões importantes. Aqui me refiro a

questões como, por exemplo, a atemporalidade do inconsciente, a temporalidade que se elege como objeto da análise na situação analítica e até sobre o que venha a ser ‘realidade’ *versus* ‘fantasia’ num processo de recordação e reconstrução. Lembrando Nietzsche, que afirma que “não existe realidade, somente interpretações da mesma”, encontro ainda em Etchegoyen uma passagem que me faz pensar sobre a ‘natureza’ desse ‘objeto’ que emerge de uma reconstrução:

Para se obter uma imagem verdadeira e completa do passado, não bastam as recordações, nem tampouco os dados ‘objetivos’ que pudéssemos obter, já que teríamos de incluir entre eles a complexa e sutil interação em um dado momento, isto é, o núcleo de verdade de cada versão (...). O que importa realmente é o valor simbólico da conduta, a estrutura da conduta, uma vez que a verdade material só pode ser definida por consenso ou, o que é o mesmo, quando podemos ver as coisas através de várias perspectivas (1987, p. 208).

Além da variedade de possibilidades de se discutir este conceito no âmbito da teoria da técnica, as ‘construções’ também oferecem elementos para problematizar o enfoque da psicanálise em determinados períodos, baseando discussões paradigmáticas, conforme sinaliza Kauffmann:

Assim a *démarche* de construção aparece como corolário de uma destituição relativa do recalçamento como mecanismo privilegiado pelo trabalho da análise, em benefício do mecanismo posto em destaque desde a *Interpretação dos Sonhos*, isto é, o mecanismo da regressão (1996, p. 96).

Ao suscitar discussões relativas ao âmbito da técnica, o campo das ‘*construções em análise*’ também possibilita releituras no próprio pensamento psicanalítico. Este processo é sempre importante de ser acompanhado na medida em que produz efeitos ético-estéticos imediatos sobre a clínica. Na própria nota de introdução ao artigo nas Obras Psicológicas Completas, os tradutores sinalizam o quanto Freud, ao final da escrita deste texto, vinha problematizando com muito interesse uma certa distinção entre o que seria uma *verdade histórica* e uma *verdade material*. Esta reflexão surge a partir do momento em que Freud observara que a construção que enunciava, despertava em seus pacientes memórias bastante específicas (rosto de uma pessoa, móveis) de um acontecimento passado, “*memórias vivas*” (1996, p. 284) como nomeou. Segundo Freud essas recordações poderiam ser descritas como alucinações, uma vez que as mesmas podem ser compostas por elementos infantis ou passados que se encontram esquecidos, deformados e deslocados, tal como a natureza e a finalidade das construções. Ao estabelecer esta relação entre as duas, Freud constata:

Tal como nossa construção só é eficaz porque recupera um fragmento de experiência perdida, assim também o delírio deve seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que ele insere no lugar da realidade rejeitada (Freud, 1996, p. 286).

Esta constatação fornece material para uma ampla discussão sobre o entendimento e as intervenções destinadas aos casos que envolvem a manifestação de delírios como, por

exemplo, supressão medicamentosa e/ou correcional ou ‘escuta genealógica’? Isto me faz pensar o quanto a pesquisa dentro de um determinado campo do conhecimento, pode suscitar discussões para além de seu objetivo e finalidade iniciais como, até mesmo, para além do próprio campo do conhecimento no qual tem seu ponto de partida.

Construções e cientificidade

Oliveira (1996) também traz uma importante contribuição ao discorrer sobre o contexto do movimento psicanalítico no qual o conceito de construção emergiu. Para isto, recapitula a preocupação de Freud, desde seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, em legitimar a psicanálise num contexto onde a cientificidade e as suas exigências de verificabilidade imperavam. O autor, citando Birman (1994), complementa:

Mas o que era o saber da interpretação, o seu estatuto epistemológico no início do século? Muitas coisas, evidentemente. Porém, nada era mais distante dos cânones estabelecidos de cientificidade do que um saber da interpretação. Nesta perspectiva, um saber da interpretação seria uma modalidade de discurso bem próximo da especulação da filosofia. Portanto, seria uma forma de saber que poderia transformar-se, a qualquer momento, num sistema delirante de interpretação. Esse risco mortal se colocava como uma ameaça latente, no interior do discurso freudiano, orientando sempre as estratégias constitutivas desse discurso desde o final do século XIX (Birman apud Oliveira, 1996, p. 29).

A partir daí, um rigor passaria a atravessar as teorizações sobre metapsicologia e técnica, clareando para mim, por exemplo, os esforços empreendidos (e a dificuldade) para definir e diferenciar interpretação e construção, no âmbito da teoria da técnica.

Para além de preocupações com cientificidade e didática teórica, Oliveira (1996) resgata em Freud passagens que legitimam as construções enquanto um importante instrumento da análise. Cita o caso do Homem dos Lobos (1918) como o mais bem articulado e importante caso clínico relatado por Freud, lembrando que o mesmo foi realizado a partir de uma ampla e pormenorizada atividade de construção, fazendo jus ao *metier* psicanalítico ao ser posicionada como um “*componente do quadro dos meios que põem o analista em contato com o sujeito do inconsciente*” (Oliveira, 1996, p. 33).

Outro ponto bem observado traz uma discussão bem importante que, inclusive, mobilizou minha curiosidade na pesquisa deste tema. Segundo Oliveira:

A observação de Freud com relação ao pouco valor atribuído às construções, presentifica-se na práxis e atualiza-se em uma tendência a ver nelas, e em outras formas de intervenções não interpretativas, algo que ensombra a postura analítica (1996, p. 30).

Esta reflexão vem bem ao encontro da minha surpresa ao descobrir, somente no semestre passado, a existência e as postulações acerca das construções. Considerando minha trajetória acadêmica e outras possibilidades de estudo da psicanálise, das quais tive acesso até

o momento da formação presente, a psicanálise sempre me havia sido apresentada como o *reducto* exclusivo das interpretações. Finalizando, aproveito, ainda, para inserir, duas perguntinhas insistentes que, de forma recorrente, viemos nos fazendo ao longo dos seminários de formação e que, agora, percebo com clareza, foram as motivadoras principais da escrita deste trabalho: “Mas... de que lugar isto (conceito, sintoma, teoria) nos fala?” “Mas... isto é Psicanálise? Ou não é?”

Eis as questões que, paulatinamente, definem, diferenciam e organizam não só um postulado teórico, mas toda a prática clínica que daí transcorre.

Referências

- ETCHEGOYEN, H. *Fundamentos da Técnica Psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FREUD, S. Construções na análise (1937). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. XXIII.
- KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- OLIVEIRA, D. As construções e a verificabilidade psicanalítica. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, nº 19, p. 26-33, set. 1996.